

# ANÁLISE DO PROCESSO DE TRABALHO A PARTIR DA NARRATIVA DO PROFISSIONAL CARVOEIRO

Caroline Brandão  
Caroline Maria Nunes  
Patricia Salvi Valgoi  
Karine Vanessa Perez

## RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a função do trabalho de carvoejamento, a partir da entrevista semiestruturada feita com o profissional que executa a função de carvoeiro. Optou-se em atribuir nome fictício para referir-se ao entrevistado, à fim de que possa ser preservada sua identidade, garantindo à ética deste trabalho. Sabe-se que a atividade de carvoejamento é relacionada à condições precárias de trabalho, onde geralmente ocorrem diversas situações de exploração. Neste sentido, o trabalho visa compreender o processo de trabalho do trabalhador que atua na profissão de carvoejamento, considerando que esta é uma profissão que encontra-se, muitas vezes, em condições insalubres, além de desenvolver possíveis riscos à saúde mental e física do trabalhador. Assim sendo, o objetivo deste trabalho está em investigar como é o funcionamento de trabalho do carvoeiro, bem como quais são os fatores que desenvolvem sofrimento psíquico a partir desta profissão. Além disso, o propósito deste trabalho foi aproximar-se um pouco mais do cotidiano de vida deste trabalhador, entendendo como o trabalho pode afetar diretamente sua vida. Para o levantamento de informações, foi empregado à entrevista semiestruturada, visto que este tipo de entrevista visa oferecer ao entrevistado maior liberdade para expressar-se e expor suas experiências de trabalho. Assim sendo, o trabalho foi realizado a partir das narrativas de trabalho que foram sendo trazidas pelo profissional. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa qualitativa devido a este tipo de pesquisa possuir um caráter descritivo e subjetivo. Ainda, este trabalho foi construído a partir de uma revisão bibliográfica para maior aprimoramento dos assuntos abordados. Desse modo, este trabalho irá discorrer sobre o surgimento do trabalho de carvoejamento, o processo de legislação e regulamentação da profissão, as atividades que este profissional executa e principalmente, quais são os riscos que podem ocasionar adoecimento em decorrência da profissão. Como resultados, consideramos que foi possível a partir da análise do processo de trabalho do trabalhador carvoeiro, entender a rotina do trabalhador entrevistado, bem como os desafios enfrentados diariamente nesta profissão. A partir da entrevista com o trabalhador carvoeiro foi construída uma crônica pelos membros deste trabalho, no qual, encontra-se disponível no mesmo, narrando à história de vida e de trabalho do sujeito entrevistado.

**Palavras-Chave:** Atividade de Carvoejamento. Trabalhador Carvoeiro. Prazer e Sofrimento no Trabalho.

## INTRODUÇÃO

Sabemos que desde muito tempo, a atividade de carvoejamento é relacionada a condições precárias de trabalho, onde geralmente ocorrem situações de exploração da mão de obra infantil, sendo um trabalho equiparado ao de escravo, como era antigamente, possuindo atividades prejudiciais ao trabalhador. Conforme Zuchi (2000), o carvão vegetal no Brasil passou a ser produzido e dividido em dois segmentos atualmente: o primeiro deles

abrange a produção de carvão a partir de matas nativas ou pequenas áreas reflorestadas utilizando fornos rudimentares “rabo quentes”, onde predomina relação de trabalho em regime de empreitada com remuneração por produção, sem divisão de tarefas e o mesmo trabalhador é responsável por toda condução do processo produtivo. Conforme esse primeiro processo, constatamos a partir da fala do entrevistado que nos mencionou que trabalha e assume todas as tarefas sozinho, pois o carvão produzido em sua propriedade, conta com funcionários somente quando a demanda de trabalho é grande.

Dessa maneira, este trabalho tem como propósito discorrer os principais conceitos que fundamentam essa profissão, de modo a possibilitar reflexões sobre o assunto. Além disso, o trabalho busca fazer como interlocução entre teórica e prática, a partir da narrativa do trabalhador carvoeiro entrevistado neste trabalho. É importante ressaltar que optou-se por empregar nome fictício para referir-se ao entrevistado, à fim de que possa ser preservada sua identidade, garantindo à ética deste trabalho. O nome cujo denominado neste trabalho é Alfredo.

## **METODOLOGIA**

### **Delineamento**

A definição de uma metodologia de pesquisa depende, sobretudo, do objeto de estudo que se deseja investigar. Levando-se em conta que, nesse estudo analisou-se o processo de trabalho do trabalhador que atua na profissão de carvoejamento, a presente pesquisa foi de caráter qualitativo. De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por buscar esmiuçar a maneira como os sujeitos entendem ou interpretam os fenômenos. Sendo assim, uma atividade situada que, posiciona o observador no mundo das ações humanas que não são possíveis de se mensurar em números ou equações. Para melhor compreensão acerca do tema investigado utilizamos diversos autores da Psicologia, na busca de compreender o contexto do trabalho de carvoejamento.

### **Sujeitos**

Há a necessidade de construção de critérios bem definidos para os participantes, pois, segundo Flick (2009), a construção desses critérios tem como objetivo encontrar os casos mais comuns para estudar um determinado fenômeno. Nessa pesquisa utilizamos como critérios de escolha do participante da pesquisa: o sujeito deve ser carvoeiro e estar atuando na área há mais de cinco anos.

### **Instrumentos**

O instrumento de coleta de dados foi à entrevista semiestruturada, respondida individualmente pelo participante.

Pensando na entrevista como uma técnica para coleta de dados, Rosa e Arnoldi (2006) afirmam que a mesma não se trata somente de um diálogo, mas, sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de questionamentos, fazem com o que o participante pronuncia-se, resultando dessa forma, em dados que serão utilizados na pesquisa.

Na entrevista semiestruturada, Rosa e Arnoldi (2006, p. 30) mencionam que, as questões deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. As referidas autoras ainda citam que se deve compor um roteiro de tópicos selecionados e as questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.

### **Procedimentos éticos**

A ética na pesquisa com seres humanos envolve dois princípios básicos: a dignidade à pessoa humana, e a liberdade. (TAILLE, 2008). A pesquisa foi caracterizada no tipo sem risco, por ser um estudo em que não realizou nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais do indivíduo que participou do estudo. Ressaltando que, a participação foi voluntária, portanto, a qualquer momento o sujeito pode recusar-se a responder qualquer questionamento ou desistir de participar e retirar seu consentimento.

A entrevista gravada utilizada nesta pesquisa irá compor um banco de dados para posteriores estudos dessa temática pelas pesquisadoras, ficando sob a guarda das mesmas. A entrevista do participante foi tratada de forma anônima e confidencial, não sendo divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo, por isso, se optou por utilizar nome fictício durante o decorrer da pesquisa. As informações obtidas nesta pesquisa serão publicadas como fonte de produção científica de forma que o participante da mesma não será identificado, permanecendo em anonimato.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **Alfredo e o árduo trabalho de carvoeiro**

O sistema de produção de carvão foi utilizado inicialmente, indiscriminadamente com objetivo de abastecer as siderúrgicas; a partir da implantação dos projetos de reflorestamento tornou-se característico das áreas liberadas para desmatamento cujas terras deram origem a pastagens ou agricultura. De outro lado, encontramos as Companhias de Reflorestamento vinculadas a grupos Siderúrgicos com relações de emprego formalizadas através Contrato de Trabalho, Carteira Assinada, recolhimento das Contribuições Previdenciárias e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Estas empresas

mantém Política de Recursos Humanos com planos de cargo e salários, jornada de trabalho oficial, padrões operacionais com atividades prescritas, metas de produção pré-estabelecidas inclusive, premiação quando estas são superadas. Mas como Alfredo, nosso entrevistado é autônomo, seu trabalho se relaciona mais com o primeiro modelo.

De acordo com Carvalho (2002, p.51) citado por Caetano e Neves (2009), as carvoarias volantes, como no caso de Alfredo, são aquelas que utilizam matéria-prima própria do cerrado e que, por isso, apresentam alta mobilidade de localização, demonstrando uma organização do trabalho tipicamente arcaica. São encontradas nas áreas de zona rural, destinadas às pastagens em meio à mata. Essa forma de carvoejamento apresenta baixa produtividade e geralmente é executada por pequenos proprietários rurais que necessitam complementar sua renda. Ao se esgotar a exploração de uma determinada área de vegetação nativa, os carvoeiros buscam áreas ainda preservadas para obter carvão ou se tornam empregados das carvoarias já implantadas, sujeitando-se a condições de trabalho degradantes. Mas que não é o caso de Alfredo, pois diz que apesar de depender do tempo aproximado de seis ou sete anos para crescer a árvore utilizada, que é o eucalipto, consegue subsidiar sua família e manter seu sustento somente através dessa atividade, pois revende o carvão para os comerciantes, e os comerciantes, repassam para o público em geral.

O autor ressalta que dentre as carvoarias volantes existem duas formas peculiares: as carvoarias volantes autorizadas e as carvoarias volantes clandestinas. No caso das primeiras, a autorização é a condição fundamental para o seu funcionamento. Trata-se de uma autorização legal, emitida pelo órgão competente – Instituto Estadual de Florestas (IEF), que determina uma área de mata nativa a ser desmatada para determinada finalidade.

No caso de Alfredo, possui autorização para a produção de carvão vegetal, realizando a plantação de eucalipto em uma área plana e em meio à mata. O modelo mais simples de forno é o de alvenaria, construído em forma semelhante a iglus, possuindo cerca de 3m de diâmetro, com orifícios para controle de entrada de ar. Enquanto a descrição do local, Alfredo verbaliza que em suas terras existem dois fornos, bem próximos à sua casa. O cheiro da fumaça é muito forte e contínuo, estando presente até mesmo dentro de casa, podendo prejudicar a sua saúde e de sua família, mas eles acabam não percebendo isso, mas se acostumaram com essa realidade.

Conforme Dias *et al.* (2002), o processo de produção de carvão tem início através do corte da madeira da mata nativa ou de florestas homogêneas de eucalipto, utilizando ferramentas manuais como foice e machado, ou mecânicas como a motosserra, dependendo dos recursos do que o proprietário possui. Cortada a lenha, ela é “lerada”, ou seja, os galhos são retirados deixando os troncos roliços e dispostos para secar e, assim, diminuir o seu peso. Após um intervalo de 15 a 30 dias, a lenha é “embraçada”, formando

feixes e transportada até próximo ao forno, com o auxílio de animais de tração pelos “muleteiros” ou do trator, dependendo do porte da carvoaria, e aí armazenada em pilhas.

Já para o abastecimento do forno, o trabalhador executa as seguintes atividades: (a) preparo do forno; (b) transporte manual da madeira estocada na área externa até a porta do forno; (c) transporte manual da madeira da porta do forno até o interior do mesmo; (d) enchimento do forno, organizando cuidadosamente as madeiras e; (e) fechamento do forno. Acabado esse processo, se inicia a queima ou combustão da madeira, que dura geralmente três dias. Durante o cozimento da madeira, o trabalhador supervisiona o processo, no mínimo de hora em hora. Através da liberação e oclusão dos orifícios do forno, denominados “tatus” e “baianas”, controla a entrada de oxigênio e dessa forma, a intensidade da combustão. Segundo os trabalhadores, esta operação é muito importante para garantir a qualidade do carvão. Na retirada do carvão do forno, após o reconhecimento do “bom momento” e interrompida a combustão, o forno é deixado para esfriar, sendo então aberto e esvaziado. E por fim, após o carvão resfriado, é ensacado e/ou colocado no caminhão para ser transportado e comercializado.

Conforme a narrativa de Alfredo e o que ele vinha nos trazendo ao decorrer da entrevista, é ele sozinho quem faz todas essas funções descritas acima, no qual deveriam ser divididas entre diversos funcionários. Somente quando planta as árvores é que contrata mais pessoas para ajudá-lo. Alfredo nos contou que realiza mais de 6.000 kg de carvão por mês, sendo que cada metro de lenha dá em torno de 140 kg, tornando um trabalho repetitivo e cansativo para o mesmo.

Ainda, a partir da lei Nº 770, DE 2011, que rege o contrato de trabalho nas carvoarias, destacam-se estes itens que falam sobre alguns requisitos e direitos mínimos, apresentando condições obrigatórias para o trabalhador carvoeiro:

I – A unidade fabril de produção de carvão vegetal deve ser cercada de forma a impedir que pessoas alheias à produção ingressem num raio inferior a 50 (cinquenta) metros dos fornos;

II - os trabalhadores e demais pessoas autorizadas somente terão acesso à área de proteção se estiverem utilizando equipamento de proteção individual adequado ao risco proporcionado pela atividade;

III - dentro da área de proteção devem ser mantidas, no mínimo:

a) água potável à disposição dos trabalhadores;

b) caixa de primeiros socorros, sob a supervisão de pessoa treinada;

c) guarita destinada ao abrigo e repouso dos trabalhadores;

IV- as moradias dos trabalhadores devem se localizar a uma distância mínima de 500 (quinhentos) metros dos fornos.

Parágrafo único. As moradias devem proporcionar condições mínimas de saúde e segurança aos trabalhadores e suas famílias, conforme definido em regulamento.

Art. 4º Fica proibida à fábrica ou carvoaria utilizar, direta ou indiretamente, mão de obra infantil ou escrava, sob pena de não obter financiamento junto às instituições financeiras.

Porém, vale ressaltar que apesar de existir essa lei vigente, é urgente a reformulação da legislação trabalhista que regula a contratação dos carvoeiros, para evitar-se que estes continuem a trabalhar em condições de esforço físicos muito superiores àquelas que um ser humano pode suportar. Por isso, se sugere que as fiscalizações nas carvoarias sejam feitas regularmente e que o controle ocorra sempre, também, nas siderúrgicas que consomem carvão vegetal.

Em relação à saúde física, podemos entender conforme Dias et al. (2002) que o trabalho nas carvoarias expõe os trabalhadores a relações de trabalho injustas e instáveis, sem garantia dos direitos trabalhistas básicos, como jornada de trabalho definida, repouso semanal, férias, seguro social e de acidente do trabalho. O autor coloca que as condições de trabalho são inadequadas, sem o mínimo conforto. Os equipamentos e instrumentos de trabalho são arcaicos e/ou sem proteção, o trabalho é monótono, principalmente na fase de “vigiar” o forno. As exigências de grande esforço físico, a exposição ao ruído e vibração pelo uso da motosserra, à radiação solar excessiva, ao calor emitido pelos fornos, às substâncias químicas produzidas na combustão da madeira e à picada por animais peçonhentos são algumas das condições de risco para saúde desse trabalhador.

Em estudos recentes, especialistas afirmam que o gás desprendido durante a queima do carvão é altamente cancerígeno, sendo um dos principais problemas que afeta os trabalhadores das carvoarias, que sofrem, diretamente, as consequências negativas da deterioração do meio ambiente. Ainda, o carvão é produzido em situação de total insalubridade e em péssimas condições de higiene e conforto. Os carvoeiros trabalham em meio a um impressionante volume de poeira, de fuligem e fumaça de carvão, sem utilização de qualquer tipo de Equipamento de Proteção Individual (EPI), sem botinas, luvas e máscaras apropriadas. Ainda, geralmente não dispõem de acesso a água potável, banheiro, alojamento e assistência médica. No caso do nosso entrevistado, ele nos menciona que estas condições descritas não se equiparam com as dele, pois apesar do serviço ser desgastante, utiliza os equipamentos de proteção necessários e dispõem de condições mínimas como tomar água, utilizar o banheiro, enfim, principalmente pelo fato de ser “dono” da propriedade e do trabalho que executa, não sendo tensionado por um chefe.

Percebe-se a partir de Caetano e Neves (2009) que o processo de trabalho nas carvoarias é definido pelos trabalhadores como “pesado” e “duro”. Isso implica dizer que o esforço físico dispensado exige muito da energia do trabalhador. Quanto a isso Alfredo, afirma que “*tem que ter muita saúde para trabalhar com o carvão*”. (sic). O desgaste físico e o calor do forno, somados a outras condições depreciativas de trabalho e moradia, fundem-se, promovendo o desgaste mental do trabalhador.

Ainda quanto aos aspectos físicos, Dias; et. al. (2002) analisa o processo de trabalho na produção do carvão vegetal e sua articulação com as condições de saúde e vida do trabalhador carvoeiro, indicando a urgente necessidade de uma intervenção para transformar a atual realidade. Para Silva e Silva (2004, p. 89), a carvoaria apresenta um ambiente propício à ocorrência de LER/DORT além de outras doenças como “artrite, artrose, doenças relacionadas com má postura da coluna cervical, como lordose e lombalgia e fadiga crônica”. Isso, em decorrência do excesso de peso e da má postura durante o trabalho com o forno. Assim, Alfredo verbalizou durante a entrevista, que são inúmeras as vezes que agacha para pegar a lenha e colocá-la ao forno, e que esse processo acaba se tornando cansativo e repetitivo.

Alfredo também apresentou em sua fala, a queixa sobre a exposição ao sol na época de verão devido às altas temperaturas. De acordo com Dias *et al.* (2002), a exposição a altas temperaturas contribui para o desconforto do trabalhador, causando desconforto térmico e intensa sudorese. A esse fato podemos acrescentar o baixo consumo de líquidos e uma dieta desregrada à base de gordura e carboidratos como arroz, feijão e macarrão. Outros males são citados como: gripes, resfriados, ferimentos e traumatismos de intensidade variável, hipertensão arterial, distúrbios de sono, lombalgias, entre outros. Além disso, os gases emitidos no processo de carbonização do carvão podem provocar lesões nas vias aéreas e intoxicação. Por isso, as condições de trabalho são inadequadas para os carvoeiros, podendo causar danos irreversíveis à saúde do trabalhador.

O entrevistado nos fala ainda que o trabalho de Carvoeiro encontra-se cada vez mais precário e escasso, pois diz que não existem mais pessoas que se interessam em trabalhar como carvoeiro, e que acaba sempre tomando conta de tudo sozinho, por não encontrar funcionários que executam a sua função com qualidade ou eficiência. Justamente por ser dono da propriedade e responsável pelo trabalho, acaba não vivendo uma situação tão precária quanto as empregados carvoeiros que trabalham nas siderúrgicas na maioria das vezes sob pressão, com baixa remuneração e sem receber o devido valor no qual mereciam. Por isso, apesar de ter uma alta demanda de trabalho, Alfredo não encontra-se nessa situação de exploração porque é dono e proprietário das terras em produz o carvão, conseguindo ter um bom lucro e retorno de seu trabalho.

Em relação aos aspectos do sofrimento psíquico, Alfredo usa a seguinte frase: “*Eu não tenho um trabalho, tenho um castigo*”. (*sic*). Diante dessa afirmação, percebemos que o processo de trabalho nas carvoarias é definido por Alfredo como um trabalho árduo, no qual implica tamanho esforço físico diariamente. Com esse desgaste físico tido a partir do calor do forno, da intoxicação da fumaça, da repetição do trabalho de plantar o eucalipto, cortar a lenha, colocar no forno, tirar do forno, ensacar e vender para o comerciante, como diz seu Alfredo, ocasiona no desgaste físico, pois acaba exigindo muita energia do trabalhador,

promovendo assim ao final o desgaste mental, no qual trabalha mais por obrigação e necessidade do que por prazer.

Entendemos durante a entrevista que apesar do trabalho de carvoeiro exigir muito esforço físico, Alfredo parece se sentir importante por executar essa função, pois verbaliza durante a entrevista: *“O carvão que eu produzo, você usa para fazer um churrasco em sua churrasqueira”*. (sic). Então, percebe-se certa valorização por seu trabalho, demonstrando um sentimento de utilidade, principalmente por se considerar ainda um dos únicos proprietários em sua cidade que trabalha na atividade de carvoejamento.

### **Crônica: “Minha vida de carvoeiro”**

*“Você sabe quem faz o carvão que está sendo usado em sua churrasqueira para assar aquela carne no final de semana? Pois é, sou eu. Mas antes quero me apresentar. Prazer, me chamo Alfredo, mas mais conhecido pela redondeza como o senhor carvoeiro. Meu trabalho é árduo. Acordo todos os dias lá pelas 5 da manhã. Lavo o meu rosto para começar mais um dia, e lá da janela, já vejo o eucalipto enorme que cerca os redores da minha casa, como a fumaça que sai do forno de longe. Após, tomo um café e faço um lanche reforçado para aguentar o tranco, visto a minha máscara e luvas, assim como também as botas para ir ao campo e depois, já coloco a lenha no fogo para queimar.*

*A partir disso, o meu trabalho segue, pois aqui eu sou responsável e faço tudo, tudo sozinho. Desde a matéria prima, até o carvão que chega aí em sua casa, no qual, na maioria das vezes as pessoas compram nos supermercados, e não param para se quer pensar da onde é que ele veio. Vou te dizer que todos os dias é o mesmo processo: coloca no forno, tira do forno, corta a madeira que será utilizada, planta as mudas que brotaram o carvão (levando em conta que elas levam mais de seis anos para crescerem e poderem ser utilizadas), ensaca o carvão depois de queimado e entregam-se para os locais que o compram de mim, geralmente os comerciantes que revendem ao público em geral.*

*Por isso, mesmo não sendo tão discutido e falado, nosso trabalho requer esforço, muito esforço... Desde antigamente, no qual, os carvoeiros eram tratados como escravos. Se eu for contar aqui para vocês o número de repetições que faço em um mesmo dia, vou ficar aqui até amanhã. Não é nada fácil. Tudo bem que sou eu quem faço o meu horário, mas as vezes ele acaba se tornando a minha vida inteira. Mesmo assim, acredito que permanecerei nessa função até quando não aguentar mais, pois vocês já perceberam o quanto o trabalho de carvoeiro está precário? A mão de obra está cada vez mais escassa e ninguém quer ser carvoeiro, a não ser que possua uma propriedade como eu. Os mais novos fogem desse trabalho, pois querem estudar e “ser alguém na vida”. Vocês já pararam para pensar que daqui uns tempos, o nosso trabalho será substituído por máquinas, se já não está sendo? Pois é, espero eu que não seja. Mas vou lhes falar, mesmo que as*

*peças não tenham reconhecimento sobre a importância desse trabalho, sou ainda um dos únicos que executa essa função com qualidade, e me sinto importante por isso.*

*Pausa para o almoço e o trabalho continua até o tardar do dia, quando paro e preparo o chimarrão para me acompanhar. À noite, quando regresso para a minha casa, coloco a cabeça no travesseiro e reflito. Penso as vezes que eu não tenho um trabalho, tenho um castigo. Carma esse que me acompanha durante anos, e que vai até o fim dos meus dias. Mas mesmo assim, embora traga sofrimento, me trouxe todos esses anos, ventos que me ensinaram a viver e aprender da forma mais desgastante, fazendo com que eu queira superar as minhas limitações e enfrente um desafio a cada dia. Por isso, esse castigo no qual me refiro se tornou também uma lição, lição essa que me fez repensar sobre valores e a dar importância para os pequenos detalhes, principalmente àqueles mais simples que às vezes passam despercebidos. E o mais importante de tudo, esse trabalho agregou-me conhecimentos que me tornaram quem eu sou”.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando-se em consideração esses aspectos, a elaboração desse trabalho foi muito importante para o entendimento acerca do assunto estudado, pois teve-se a oportunidade de entrevistar um profissional que executa a função de carvoeiro, conhecendo um pouco mais sobre suas atividades, rotinas, assim como os prazeres e desprazeres ocasionados por essa profissão. Também pode-se pesquisar sobre os principais conceitos que os autores vêm estudando sobre esse tema, entendendo o quanto é interessante conhecermos as leis vigentes que existem em prol de direitos do trabalhador carvoeiro, que ainda sofre muita exploração da sociedade atual e capitalista.

Percebe-se que a realidade do trabalhador carvoeiro é complexa, propondo à repensarmos melhor sobre as condições de trabalho que o mesmo enfrenta diariamente. Alfredo, é um dos casos que mesmo não sendo um mero empregado das fábricas de carvão, enfrenta grandes desafios sobre as condições de trabalho, lidando com o esforço físico e repetitivo, além de estar sujeito aos diversos riscos que afetam diretamente à sua saúde. Por assumir o trabalho todo sozinho, Alfredo encontra muitas dificuldades, e na maioria das vezes, trabalha até o tardar do dia, pois é ele mesmo quem faz seu horário, suas férias, dias de folga, pausa para o lanche, entre outros aspectos. Mesmo que pareça de longe que isso seja “bom” para o mesmo, Alfredo nos remeteu que acabou tornando seu trabalho a sua própria vida, se reconhecendo através dele e vendo-o como um “carma” que levará para sempre: o de ser carvoeiro.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 770, de 2011. Dispõe sobre o ambiente de trabalho nas fábricas de carvão vegetal. Disponível em:

<[http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=A52A8754F353A8B13FDCF8F2E16C6AA1.node1?codteor=921239&filename=Tramitacao-PL+603/2011](http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A52A8754F353A8B13FDCF8F2E16C6AA1.node1?codteor=921239&filename=Tramitacao-PL+603/2011)>. Acesso em: 02 nov. 2015.

CAETANO, Érika de Cássia Oliveira; NEVES, Magda Maria Bello de Almeida. *Trabalho e Precarização: Carvoeiros em Curvelo /MG*. UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

DIAS, Elizabeth C.; et.al. *Processo de Trabalho e saúde dos trabalhadores na produção artesanal de carvão vegetal em Minas Gerais*, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 18, n 01, Rio de Janeiro, Jan.-Fev. 2002. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/csp/v18n1/8163.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 107 p.

SILVA, Edima Aranha; SILVA, Dante Rodrigo Aranha. A relação ambiente de trabalho e qualidade de vida na perspectiva do Direito do Trabalho. *Revista Economia e Pesquisa*, Araçatuba, v. 6, n. 6, mar. 2004, p. 84-107.

TAILLE, Yves de La. Ética em pesquisa com seres humanos: dignidade e liberdade. In: GUERRIERO, I. C. Z., SCHMIDT, M. L. S.; ZICKER, F. (Org.). *Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ZUCHI, Pedro Sérgio. *Avaliação Ergonômica do Trabalho na Atividade de Carvoejamento*. Belo Horizonte – MG, 2000.